

DIVERSIDADE, (I)MATERIALIDADE E PROSPETIVAS SOCIOLÓGICAS

DIVERSITY, (I)MATERIALITY AND SOCIOLOGICAL PROSPECTS

DIVERSITÉ, (I)MATÉRIALITÉ ET PERSPECTIVES SOCIOLOGIQUES

DIVERSIDAD, (I)MATERIALIDAD Y PERSPECTIVAS SOCIOLÓGICAS

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

Lígia Dabul

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rio de Janeiro, Brasil

A diversidade, neste número temático, está relacionada com a arte, com as identidades, com os territórios e com as formas de fazer. Pegando nos trabalhos de investigação de autores como Boccagni (2015), podemos inferir que o conceito de diversidade, na literatura das ciências sociais, tem sido utilizado de forma meramente descritiva. Esta tipologia de utilização refere-se, sobretudo, a uma necessidade exógena e endógena das ciências sociais reconhecerem a diferença, a heterogeneidade e a dicotomia das sociedades contemporâneas como temos vindo a advogar (Guerra, 2022a, 2022b). Porém, torna-se cada vez premente dar uma voz e uma (ou várias) cara(s) a essa mesma diversidade, sendo esse, em parte, o nosso objetivo com este número.

E isto leva-nos a Simmel. Lembremo-nos que para Simmel, a atualidade é apenas uma de muitas formas. Através desta relativização da atualidade, Simmel faz um apelo para a necessidade de perspetivas pluralistas e flexíveis da realidade. Com o seu método ilustrativo, Simmel permite que tenhamos novas perspetivas sobre as questões mais prementes da contemporaneidade, já que ele diz-nos que as nossas análises devem estar livres de determinismos e da tentação de postular profecias, mas, pelo contrário, oferecer aos indivíduos um material em comum que sirva de base para lidar com estas tensões atuais e para a construção de outras mundivisões. Recordemo-nos também da luta de Simmel pela reconciliação entre as diferentes partes do campo científico e intelectual. Para ele, que tanto gostava de usar a metáfora da “ponte”, era crucial criar-se condições para se alcançar unidade (mas não unanimidade) para se pensar nos problemas que nos afetam atualmente. Uma “luta”, se assim lhe podemos chamar, extremamente atual, dados os constantes apelos (nem sempre cumpridos) para uma inter e transdisciplinidade nas ciências sociais (Caetano & Mendes, 2022).

Paralelamente, ao conceito de diversidade pode também ser imputada uma espécie de apropriação discursiva, no sentido em que o próprio conceito acaba por possuir uma conotação profundamente positiva. Com efeito, os artigos, resenhas e registos de pesquisa que compõem este Volume 5, materializam um conjunto de relações sociais que interagem com uma série de processos interpretativos, no sentido em que se distanciam de inferências sociais unilaterais ou unidimensionais. Por incrível que pareça, enquanto fazíamos o estado da arte sobre esta temática, em relação à sociologia, apercebemo-nos de poucos ou nenhuns estudos são realizados, nos quais se reconheça a importância da diversidade para os estudos da sociedade. Dito de outra forma, obviamente que existem estudos que referem a existência da diversidade e da heterogeneidade, materializando-a em exemplos artísticos, sociais e demais fenómenos sociais porém, poucos são os estudos que referem que a diversidade existe em parte devido às suas materializações. Assim, existe uma dupla relação de dependência: a criação gera diversidade, mas a diversidade também potencia a criação. Com isto queremos afirmar que a diversidade é, também ela, socialmente criada, tal como um comportamento, uma atitude ou um modo de vida. Na verdade, com a ligação dos trabalhos que compõem este número ao conceito de diversidade, pretendemos contrariar esta tendência, fazendo com que o leitor reflita sobre os processos de criação-materialização da diversidade; diversidade essa que é pensada e analisada sociologicamente nas suas mais diversas e distintas vertentes e ramificações.



Figura 1: Imagens capturadas num espaço de sociabilidade multidisciplinar em Lüneburg em fevereiro de 2020

Fonte: Paula Guerra.

Antes de apresentar os artigos, gostaríamos de recorrer a Finkel & Platt (2020) na abordagem da diversidade (i)material dos festivais de artes e de cultura. Com efeito, estes autores afirmam que os festivais criam pontes entre pessoas e locais. A dimensão afetiva e simbólica dos festivais pode levar a uma (re)negociação da identidade individual e grupal. Os autores deste artigo procuram analisar uma área

até agora pouco estudada: a importância do merch festivo nas identidades individuais e coletivas. Ou seja, vão se concentrar no estudo da (i)materialidade dos festivais. Por seu turno, Jepson & Clarke (2015) analisam a forma como a interseção entre comunidade e identidade foi essencial para se entender os festivais contemporâneos. Os festivais geram valores e normas comunitárias e padrões específicos de comportamento. E a centralidade na celebração também serve para reforçar os valores partilhados e a identidade pessoal em diversidade. E tal reflexão leva-nos a Bakhtin & Iswolsky (1984) quando olham para o carnaval como uma época em que o mundo estava virado de pernas para o ar. Ainda hoje se vê isso: o festival do fogo, nas ilhas Shetland, remete para um retrabalho da história e tradição *viking*. De igual modo, o facto de ser um festival apenas para homens, faz com que se dê uma expressão exagerada da masculinidade (Finkel, 2010) através da (i)materialidade, como os objetos (e recordações) associados com animais, como lobos.

Enfim, diversidades nas (i)materialidades das artes e culturas contemporâneas. Partindo da nossa premissa, apresentámos aqui o primeiro artigo deste Volume 5, Número 1, da Revista Todas as Artes. O mesmo intitula-se “Devemos apelidá-los de estudos cine-culturais? O cine-mundificar da música popular e dos estudos juvenis”, de Michael B. MacDonald, com tradução de João Lima. A presente tradução é referente ao processo de investigação-criação cinemático, aquilo que MacDonald designa por Cine-Mundificar; prática essa que daria origem a uma nova forma de interpretar a música popular e os estudos juvenis, nomeadamente as suas diferenças e mudanças espaço-temporais, acrescentámos nós. O segundo artigo “Identidades, fronteiras e mestiçagens culturais. O caso dos residentes de Gibraltar”, de Sandra Borges Gilotay e de Olaga Magano, relaciona-se com a diversidade de identidades, no sentido em que as autoras buscam perspetivar de que forma a complexidade cultural pauta as identidades dos residentes de Gibraltar, um território marcado pela sua singularidade, uma vez que o mesmo expressa as tensões entre o governo espanhol e o governo inglês, bem como uma série de processos decoloniais e colonizadores.

Assim, a diversidade de que falávamos até agora materializa-se em dois sentidos: no passado e no presente. É aqui que emerge o contributo científico de Denise Osório Severo e de Paula Guerra intitulado “Extrema-direita, xeno-populismo e colonialidade: discursos de ódio e colonização do imaginário”. Com este artigo, o conceito de diversidade é transposto para o campo da política, nomeadamente para os fenómenos contemporâneos de emergência de movimentos de extrema-direita. Sobre este artigo, não podemos deixar de referir que é interessante verificar que, mesmo no âmago da diferença, existem forças políticas, discursivas e mediáticas que a combatem. Este artigo demonstra, precisamente, essas tensões que pautam o fomento da diversidade, ao passo que a tentam derrubar. Deveras, considerámos ter aqui patente a nossa premissa anterior: a criação gera diversidade, mas a diversidade

também potencia a criação. O artigo que se segue é o de Frederico Dinis e intitula-se “A música eletrónica ambiental: das primeiras composições musicais e experimentações sonoras às dinâmicas experimentais”, no qual se denota a diversidade de modos de criação, mas também de interpretação. Com efeito, neste artigo, o autor procura apresentar uma arqueologia da música eletrónica ambiental, estabelecendo um enquadramento ao nível dos autores e compositores do século XIX e XX. Aqui está demarcada a diversidade de (no) passado(s), e os modos como estes possibilitaram a diversidade de criações no seu tempo posterior.

“Novas Pedras nos Caminhos de Walla Capelobo” de Carolina Cerqueira Correa, Malandro Vermelho e Walla Capelobo, leva-nos para a diversidade da mente, da ancestralidade e da vivência, ou seja, estes autores fazem com que nos debruçemos, intelectualmente, sobre a diversidade de performances quotidianas. O fulcro deste artigo reside na diversidade da palavra, escrita e falada, ao passo que estabelece uma relação com os sistemas coloniais do passado e com os sistemas colonizadores do presente. A diversidade, aqui, interliga-se visceralmente com a noção de racialidade e com as suas implicações térreas e extra-sensoriais. Por fim, o último artigo deste número temático é o de Camila Alonso Milani e designa-se “K-POP. Os reflexos do hibridismo cultural na identidade e na música popular coreana”. A diversidade relaciona-se com outros territórios, isto é, com a Coreia do Sul. Assim, a diversidade interliga-se com o hibridismo cultural, especialmente com o K-pop e com as identidades sul-coreanas.

No que diz respeito aos registos de pesquisa, Diego Soares Rebouças em “Manifesto imagético para futuros possíveis – um estudo etnográfico do concurso #TheWorldWeWant”, apresenta a diversidade visual sob a forma de um campo de possibilidades da investigação sociológica. Ao dar conta de uma pesquisa científica em curso, o autor debruça-se sobre a diversidade de imagens no universo digital, bem como sobre as potencialidades das mesmas ao retratarem desafios globais contemporâneos. A diversidade de imagens, cores, estilos e representações, levam-nos para o universo de possíveis do imaginável. Avançando para as resenhas/resenhas, Deniz Ilbi brinda-nos com uma análise premente sobre o papel das mulheres no jazz, ou seja, a autora estabelece uma abordagem aos contributos de Marie Buscatto, nomeadamente uma leitura reflexiva do livro “Women in jazz: Musicality, femininity, marginalization”, leitura essa que se coaduna com o seu trabalho de investigação em curso.

Porto e Rio de Janeiro, julho de 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bakhtin, Mikhail & Iswolsky, Helene (1984). *Rabelais and his world*. Bloomington: Indiana University Press.
- Bhabha, Komi K. (1994). *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.

- Boccagni, Paolo (2015). (Super)diversity and the migration-social work nexus: a new lens on the field of access and inclusion?. *Ethnic and Racial Studies*, 38 (4), 608-620.
- Caetano, Pedro & Mendes, Maria Manuela (Eds.) (2022). *Simmel and beyond*. London/New York: Routledge.
- Finkel, Rebecca (2010). 'Dancing around the ring of fire': Social capital, tourism resistance, and gender dichotomies at Up Helly Aa in Lerwick, Shetland. *Event Management*, 14(4), 275-285.
- Finkel, Rebecca & Platt, Louise (2020). Cultural festivals and the city. *Geography Compass*, 14(9), <https://doi.org/10.1111/gec3.12498>.
- Guerra, Paula (2022a). Can Music Save Lives? The experience of COVID-19 and the impacts on music-making on young people in their home environment. In Michelle O. Crosby & Julianna Faludi (Eds.). *Whole person promotion, women, and the post pandemic era: Impact and future outlooks* (pp. 142-154). Hershey PA, USA: IGI Global.
- Guerra, Paula (2022b). Os desacordes do fado e do folclore na modernidade tardia. Um trajeto pelos artivismos musicais do Fado Bicha e de Filipe Sambado. In Cíntia Sanmartin Fernandes, Micael Herschmann, Rose de M. Rocha & Simone Luci Pereira (Orgs). *A(r)tivismos urbanos. (Sobre)vivendo em tempos de urgência* (pp. 221-250). Porto Alegre: Sulina.
- Jepson, Allan & Clarke, Alan (Eds.) (2015). *Exploring community festivals and events*. Abingdon: Routledge.

Paula Guerra. Doutora em sociologia. Professora de sociologia da Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Co-fundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: *DIY, Alternative Culture & Society*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Lígia Dabul. Doutora em Sociologia. Professora colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Nectar/UFF – Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte da Universidade Federal Fluminense. Poeta. Universidade Federal Fluminense, R. Miguel de Frias, 9 - Icaraí, Niterói - RJ, 24220-900, Brasil. E-mail: ligia.dabul@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6224-9720.

Citação:

Guerra, Paula & Dabul, Lígia (2022). Diversidade, (i)materialidade e perspectivas sociológicas. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 5(1), pp. 4-8. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav5n1ap